

A escolha por este congresso deve-se ao fato deste ser considerado no *ranking* nacional, o maior congresso em Design no Brasil, e também por ter participação e visibilidade para a área internacionalmente. Também, salienta-se que o congresso é um espaço qualificado para a difusão, trocas e debates sobre investigação do campo do design, se configurando assim, em intercâmbio das pós-graduações, iniciação científica, egressos, profissionais, empresas e instituições.

A escolha pela temática pesquisada vale-se pelas indicações de autores, que apresentam a economia como sendo orientação imprescindível para o campo do design.

Com os resultados obtidos, foi possível identificar por meio da pesquisa, o interesse no tema abordado, as principais instituições que mais publicaram, a região com representação mais significativa, o eixo de maior representatividade com abordagem no assunto, outros países envolvidos na temática.

ECONOMIA PARA O DESIGN

Neste trabalho buscou-se compreender quais artigos tratavam da economia, sob a ótica de Redig [3], que define que no processo industrial;

Custo é um parâmetro constante para orientação do Design. A racionalização da produção permite ao Designer reduzir o custo do produto essencial. O custo do produto depende de sua produtividade, para o Design, o Custo é economia [...]. E mesmo sendo um dado objetivo, resultante de valores quantificáveis o custo não é um dado facilmente manipulável, considerando que o preço do produto não corresponde exatamente ao que ele custa, mas é determinado por instáveis leis mercadológicas [3] (p.30).

Segundo o autor [3] a década de 60, foi marcada pelo início da organização do pensamento do Design no Brasil, sendo a ESDI – Escola Superior de Desenho Industrial, a precursora no campo do Design.

O autor relata que na ESDI, utilizava-se como metodologia, os princípios clássicos “Forma,

Função e estrutura”. Sendo esta a metodologia fundamentada no tripé do design.

Como o Brasil, no momento em que a ESDI foi iniciada, era um país considerado pobre, e sendo as metodologias trazidas da Europa, exigiu-se uma reavaliação destes, para então ser reformulados, principalmente no campo economia.

Afirma o autor [3] que a redefinição acontece a partir do;

Confronto entre o racionalismo funcional (e mesmo social) que nos vinha da Bauhaus, para a ESDI, via Ulm, com a realidade nacional que nos vinha do Brasil, para a ESDI, via Lapa [3] (p.31).

Pautando-se neste referencial, toma-se como princípio um conjunto de fatores considerados simultaneamente necessários à caracterização do Design, que o autor determina como sendo:

[...] para um hexágono, mais abrangente, de ângulos abertos, que acrescenta os três primeiros (Forma, Função e Economia), os conceitos “Homem”, “Indústria”, e “Ambiente”, estendendo o termo “Função” para “Utilização”, e objetivando o termo “Economia” para “Custo”, para completar o âmbito, a meta, desta abordagem [3] (p.17).

Neste estudo, o autor [3] faz novos desdobramentos, procurando elucidar estes conceitos, conforme verifica-se no quadro abaixo:

Homem	Usuário, necessidade, sociedade
Forma	Percepção visual, estética, informação.
Utilidade	Funcionalidade, uso, comunicação.
Indústria	Seriação, máquina, tecnologia.
Custo	Racionalização, produtividade, economia.
Ambiente	Sistema, harmonia, recursos naturais.

Adaptação dos autores, 2015.

Assim, para este estudo nos deteremos ao parâmetro “custo”, seguindo primeiramente as indicações do autor [3] e sequencialmente amparando em outros autores que também